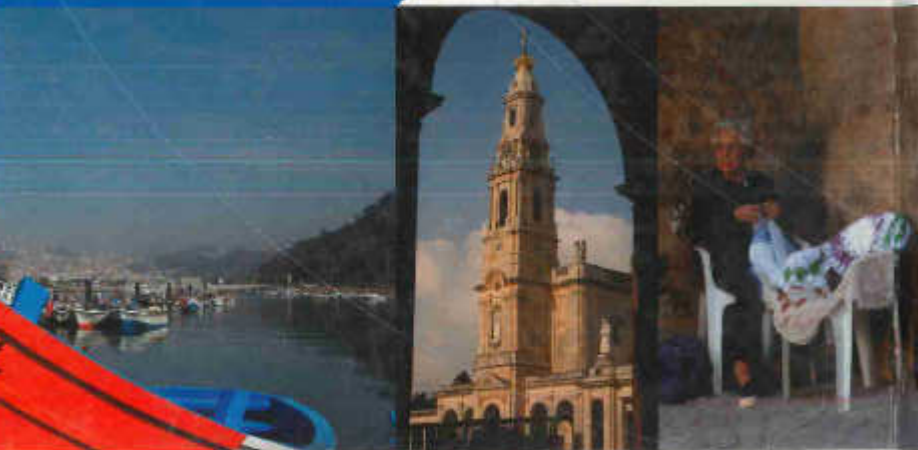




Pensar a Região de Leiria

Pensar a Região de Leiria



908
LEI
49
A



iPL
INSTITUTO POLITÉCNICO
DE LEIRIA



IPL



Actas do congresso pensar a região da Leiria.

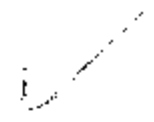
Projecto de investigação

identidade[s] e diversidade[s]

As linhas com que se cosem as pertenças

908 / 11.21 / 2005

Ricardo Vieira (coord.)



Actas do Congresso "PENSAR A REGIÃO DE LEIRIA"

Edição compartilhada por
ESEL – Escola Superior de Educação de Leiria
IPL – Instituto Politécnico de Leiria
Governo Civil de Leiria

Título: Actas do Congresso "Pensar a Região de Leiria"
Coordenação: Ricardo Vieira
© 2005, Escola Superior de Educação de Leiria e autores
Revisão: Maura Mendes
Edição: Escola Superior de Educação de Leiria e Edições Afrontamento
ISBN Edições Afrontamento: 972-36-0751-4
ISBN Escola Superior de Educação de Leiria: 972-95207-2-0
Depósito legal: 220289/04
Execução Gráfica: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
Janeiro de 2005



Edições Afrontamento
Escola Superior de Educação de Leiria

OS ELEMENTOS GEOGRÁFICOS COMO FACTORES IDENTITÁRIOS: INTRODUÇÃO AO TEMA "ESPAÇO E AMBIENTE NA DEFINIÇÃO DO TERRITÓRIO"¹

Maria da Graça Mougá Poças Santos

Geógrafa

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Leiria

Ao assumir a responsabilidade de introduzir a temática genericamente designada por *Espaço e Ambiente na Definição do Território*, a qual é parte da questão mais alargada das *Identidade(s) e Diversidade(s) da Região de Leiria* e das *linhas com que se cosem as pertenças* respectivas, não nos eximimos a começar por expor algumas das nossas próprias reflexões sobre o assunto, nas quais se incorporam, naturalmente, a nossa experiência particular de investigação e uma visão específica de geógrafa.

Desde logo, parece-me não haver que procurar uma identidade regional nítida e cuja expressão se possa encontrar plasmada nos contornos de uma simples e única representação cartográfica. Porventura, uma das tarefas deste congresso será a de tentar descobrir, no cruzamento de diferentes formas de identificação e distintos níveis de pertença, a geometria variável de uma região e descortinar mapas invisíveis de sentimentos comuns, de valores partilhados e de afinidades (electivas ou não...) que atingem uma relevante expressão cultural, religiosa, económica e, em menor grau, administrativa e política.

Tenho por relativamente seguro que alguns elementos de geografia física, algumas paisagens bem características da região onde vivemos, como o maciço calcário estremenho ou o pinhal de Leiria (de que alguns dos intervenientes deste painel falarão com conhecimento de causa), constituem marcas que contribuem para moldar a nossa identidade. Não porque partilhemos alguma forma serôdia de determinismo geográfico, mas na medida em que tais elementos naturais nos identificam em relação ao exterior e nos enquadram o quotidiano.

Por outro lado, agora numa óptica primordialmente de geografia humana, parece-nos que os fenómenos de natureza religiosa marcaram e marcam muito acentuadamente a formação e a identidade deste espaço regional, tanto na ligação entre o mesmo e a divisão territorial da Igreja Católica, principalmente a partir da criação, em meados do século XVI, da Diocese de Leiria, como, mais recentemente – no início do século XX, com as aparições da Cova da Iria e com o Santuário a que estas deram origem.

¹ Intervenção introdutória ao tema *Espaço e Ambiente na Definição do Território no Congresso Identidade(s) e Diversidade(s) da Região de Leiria: as linhas com que se cosem as pertenças* – ESEL, 24 e 25 de Outubro de 2003.

Uns e outros aspectos, que seleccionámos por serem dos geograficamente mais marcantes, não esgotam o quadro possível dos elementos identitários, nem são susceptíveis apenas de uma única possibilidade interpretativa. Como afirma CASTELLS (1997: 60), "as identidades baseadas localmente intersectam-se com outras fontes de significado e de reconhecimento social, num padrão altamente diversificado que permite interpretações alternativas".

Começamos, então, por falar da paisagem e do que, em termos gerais, ela significa.

O conceito de paisagem, embora seja recorrentemente usado em Geografia tem sofrido uma evolução no significado, ao longo dos anos e em função das escolas de pensamento geográfico, tendo sido ciclicamente apresentado ora como chave explicativa, ora votado ao esquecimento e novamente reabilitado.

Surgiu associada a uma ideia de beleza estética dos lugares, muito próxima da fruição artística da pintura ou da fotografia (que, por meados da década de 1970 foi redescoberta como a melhor via para compreender os sentimentos que ligam os homens às paisagens), à tradução (aliás, controversa) que da *Landschaft* da geografia alemã de final do século XIX, foi levada a cabo por Sauer e seus discípulos, na qual "os factos da geografia são factos do lugar, e a sua associação numa área dá origem ao conceito de paisagem" (MUIR, 1998: 264).

Passou, depois, por uma abordagem de paisagem ligada à sua configuração e caracterização do ponto de vista geomorfológico ou biogeográfico, estas últimas numa perspectiva que é afluída em várias das comunicações que se seguirão.

Após um período de maior apagamento com a geografia quantitativa, o conceito foi retomado pelos adeptos do pensamento humanista, que se propuseram perspectivar em novos moldes a paisagem, ligando-a aos sentimentos e experiências humanas que sobre ela recaem.

Posteriormente, foram levados a cabo estudos de paisagem no âmbito de correntes pós-modernistas, embora numa abordagem muito ligada à teoria literária, o que não deve ser considerado menos ortodoxo, já que "geografia e literatura são ambas formas de escrita acerca de lugares e de espaços" (CRANG, 1998: 44).

Em síntese, tentando distinguir o que se entende por paisagem numa visão mais tradicional e as novas concepções mais recentes, pode dizer-se que enquanto para a primeira o papel do homem se reduzia à interacção recíproca com o meio, actualmente vê-se um tal processo em termos mais alargados, abarcando a multiplicidade de perspectivas sobre a paisagem, de tal modo que "para se compreender o significado de uma paisagem, o seu papel numa sociedade, é necessário contextualizá-la, dentro dos respectivos sistemas sociais, históricos, políticos e culturais" (SARMENTO, 1999: 166).

De facto, é na paisagem que encontramos sensorialmente o quadro de relacionamento entre a natureza e os grupos sociais, com o cortejo de formas de que se reveste a concretização das respectivas actividades que se reflectem no espaço. Por isso, se pode considerar que a paisagem "é algo de vivo e palpitante, como uma memória e uma linguagem. Vida, memória e linguagem adquiridas através da longa sedimentação de processos de interacção entre o homem e o ambiente" (ANDREOTTI, 1994: 99).

A paisagem acaba por reflectir, em certa medida, o próprio observador, uma vez que "olhar uma paisagem é, até certo ponto, no plano individual como no plano cultural, olhar-se a si mesmo" (SAUTTER, 1979: 41). Nessa medida, a paisagem é já, por si só, um factor de identificação. Segundo BONNEMAISON (2001: 61), as paisagens, na sua relação com a sociedade, podem ser objecto de categorização, em função de atributos específicos, no quadro da qual surge esta ideia de paisagem-identidade que "pelos signos que apresenta, permite aos grupos humanos situar-se no tempo e no espaço, identificar-se com uma cultura, com uma sociedade".

É através da paisagem que, pelo menos para uma concepção que genericamente partilhamos, é possível transmitir a dimensão cultural (ou melhor, parte da mesma) das questões geográficas, embora as consequências dos factores de ordem cultural a ela não se confinem. Actualmente, a paisagem é encarada não apenas nos seus aspectos visíveis, mas, indo para além destes, analisando outras componentes, num esforço de leitura da paisagem como se de um texto se tratasse.

Por outro lado, o conteúdo da paisagem varia de acordo com as sucessivas ocupações humanas, as quais vão deixando a sua própria "herança" paisagística, sobrepondo-se em múltiplas camadas de significado, que não se apagam totalmente.

Nas paisagens vamos encontrar a base para uma análise da organização funcional do espaço (religiosa, económica, social, cultural, política,...) e, sobretudo, para uma interpretação das mensagens simbólicas que dela emanam, as quais, para serem mantidas, exigem uma preocupação de preservação, mesmo que esta obrigue à tomada de medidas que resultem em detrimento de considerações de outra ordem.

Em geral, as paisagens estão marcadas pelas sociedades humanas de que são o espelho, o que inclui não apenas as práticas e as técnicas nela desenvolvidas, mas igualmente (num alargamento da ideia de cultura) as crenças, os valores e os sentimentos religiosos e a materialização de que os mesmos se revestem. Consequentemente, os elementos religiosos (arquitectura religiosa, formas e funções urbanas religiosas, etc...) podem estar presentes em muitos tipos de paisagem.

Parece-nos ser esse o caso da nossa região, e aqui abordo o segundo ponto a que me propus: o papel da Diocese e dos factores religiosos, em geral, na conformação do espaço regional sobre o qual estamos a reflectir neste congresso.

De facto, como justamente foi salientado, a Diocese de Leiria-Fátima é um *factor de coesão regional* (CRISTINO, 1980), já que no que diz respeito a este espaço se aceitará mais facilmente a existência de alguma afinidade, traduzida numa complementaridade de funções e numa certa homogeneidade social e económica que se revê, sem complexidades e sem complexos de maior, na capitalidade de Leiria.

Aliás, o território diocesano é, em grande medida, hoje coincidente com o da Região de Turismo Leiria/Fátima e o da Associação de Municípios da Alta Estremadura e, quem sabe, amanhã com a controversa área metropolitana que se vem esboçando.

Já antes da sua própria fundação a área formada pela nova diocese criada em 1545 vinha constituindo, uma "unidade eclesiástica, mais ou menos autónoma, que, sendo embora reduzida, em relação às restantes dioceses do reino, estava suficientemente preparada para adquirir aquele estatuto" (CRISTINO, 1995: 154). Este facto histórico

poderá explicar a homogeneidade do território da Diocese, o qual nos parece corresponder ainda hoje, mais do que por exemplo o espaço distrital, à verdadeira área de influência da cidade de Leiria.

O território da Diocese, ocupando praticamente a mesma área desde 1614, tem demonstrado uma notável durabilidade, sem prejuízo de alterações à sua divisão interna em termos paroquiais e vicariais e abstraindo do período de supressão do bispado ocorrido entre 1882 e 1918. Acresce que, de certo modo, a região nasce na diocese, pois Leiria só é elevada a cidade para ter a dignidade considerada necessária para ser sede de Diocese.

Deve ter-se ainda em conta o carácter marcante para a história da região que as aparições de 1917 indiscutivelmente representam, o que resultou bem sublinhado quando, no balanço do século XX que um jornal local levou a cabo, os vários historiadores entrevistados foram unânimes em considerar as mesmas como o facto do século na região, até pela projecção nacional e internacional que por este motivo lhe foi proporcionada. Como concluía esse órgão de comunicação social, "a história da região de Leiria não se faz sem as aparições de Fátima" (*Região de Leiria*, 29/12/2000, p. 5). Com efeito, os acontecimentos de 1917 na Cova da Iria foram provavelmente o facto mais relevante ocorrido na região de Leiria no decurso do século XX, tendo-a projectado a uma escala mundial.

Estas breves considerações, a título introdutório, acerca da paisagem como elemento identitário e do factor religioso como um dos marcadores da mesma, em concreto, na região de Leiria, não foram mais do que um simples *pontapé de saída* para uma tarde de Sábado que se prevê frutuosa na (re)descoberta daquilo que torna única ou, pelo menos, diferente esta parte do território português, na tentativa de captar o que poderíamos chamar de *espírito dos lugares*, estes lugares que habitamos, em que vivemos e trabalhamos, mas sobre os quais nem sempre reflectimos.

As intervenções que se seguem são, precisamente, interessantíssimas reflexões sobre diferentes facetas da realidade regional, encaradas no âmbito temático que trata do enquadramento espacial e ambiental e sua influência na definição do território.

Desde logo, a conferência inicial a cargo de Mestre João Luís Jesus Fernandes, investigador do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Coimbra, constituirá uma verdadeira viagem pela região, a qual parte do reconhecimento da dificuldade encontrada no estabelecimento de uma unidade geográfica ou na demarcação dos respectivos limites, para a proposta de um novo paradigma, o dos *espaços geográficos abertos e de relação*, mais adequado para o caso concreto em apreço, tanto mais quanto este é caracterizado por um processo de mudança. Tais características do espaço regional visado tornam-no, para o conferencista, um *proficuo laboratório de investigação*. É dessa potencialidade, gerada das *múltiplas territorialidades* em presença e de *matrizes paisagísticas heterogéneas*, que nos falará o geógrafo (e igualmente habitante desta região...).

Também as comunicações dos restantes colegas desta área temática do congresso, ao aflorarem aspectos tão diversificados da realidade regional, darão um importante impulso ao esforço de investigação e reflexão que se perspectivou com esta iniciativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREOTTI, Giuliana (1994), *Riscontri di Geografia Culturale*, Trento, Edizioni Colibrì, p. 207.
- BONNEMAISON, Joël (2001), *La géographie culturelle* (texto póstumo estabelecido por LASSEUR, Maud e THIBAUT, Christel), Paris, Édition do C.T.H.S., p. 152.
- CASTELLS, Manuel (1997), *The Information Age – Economy, Society and Culture, Vol II – The Power of Identity*, USA, Blackwell Publishers.
- CRANG, Mike (1998), *Cultural Geography*, London, Routledge, p. 215.
- CRISTINO, Luciano Coelho (1980), «A Diocese de Leiria Factor de Coesão Regional». *Cadernos do Distrito de Leiria*, Lisboa, Editora Perspectivas e Realidades, Ano 2, n.º 3: 45 – 49.
- ____ (1995), «Da Vigararia Crúzia à Diocese de Leiria-Fátima», *Leiria-Fátima: Órgão Oficial da Diocese*, Leiria, Ano III, n.º 8 (Maio-Agosto): 153-224.
- MUIR, (1998), «Landscape: a Wasted Legacy», *Area*, 30(3): 263-271.
- Região de Leiria*, «Aparições marcam Século XX», 29/12/2000, p. 5.
- SARMENTO, João (1999), «Geografia Cultural e Geografia do Turismo: Configurações para o Final da Década de 90», *INFORGEO*, n.º 12/13: 163-172.
- SAUTTER, Gilles (1979), «Le paysage comme connivence», *Hérodote*, n.º 16: 40-67.